

JODI PICOULT

LOBO SOLITÁRIO

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



CARA

Segundos antes de a nossa carrinha embater na árvore, lembro-me da primeira vez que tentei salvar uma vida.

Tinha treze anos e acabara de voltar para casa do meu pai. Ou, mais precisamente, as minhas roupas estavam outra vez penduradas no meu antigo quarto, mas nós morávamos numa caravana estacionada na orla norte do Redmond's Trading Post & Dinosaur World, o parque de atrações onde o meu pai tinha as suas alcateias em cativeiro, juntamente com gibões, falcões, um leão com excesso de peso e o *T. rex* animatrónico que rugia de hora a hora. Uma vez que era aí que o meu pai passava noventa e nove por cento do seu tempo, eu acompanhava-o, levando as minhas coisas numa mochila.

Eu pensava que esta alternativa era melhor do que viver com a minha mãe e Joe e os gémeos milagrosos, mas a transição não fora tão calma como esperava. Suponho que me tinha imaginado a fazer panquecas com o meu pai ao domingo de manhã, ou a jogar às cartas com ele, ou a fazer caminhadas na floresta. Bem, o meu pai fazia caminhadas na floresta, mas dentro dos cercados que construía para as suas alcateias, e estava atarefado a *ser* lobo. Rebolava na lama com *Sibo* e *Sobagn*, os lobos gama; mantinha-se longe de *Pekeda*, o beta da alcateia. Comia da carcaça de um vitelo ladeado por lobos, com as mãos e boca ensanguentadas. O meu pai acreditava que infiltrar-se

numa alcateia era muito mais educativo do que observá-la de longe, como faziam os biólogos. Na altura em que fui viver com ele, já tinha conseguido que cinco alcateias o aceitassem como membro autêntico — digno de viver, comer e caçar com eles, apesar de ser humano. Por causa disso, havia umas quantas pessoas que o consideravam um génio. As outras achavam que era louco.

No dia em que deixei a minha mãe e a sua nova família, o meu pai não estava propriamente à minha espera de braços abertos. Encontrava-se num dos cercados com *Mestawe*, que estava prenhe pela primeira vez, a tentar estabelecer uma relação com ela, esperando ser escolhido como ama das suas crias. Até dormia lá, com a sua família lupina, enquanto eu ficava acordada até tarde e corria os canais da televisão de uma ponta à outra. A vida na caravana era solitária, mas pior era estar isolada numa casa vazia.

No verão, a região das montanhas Brancas enchia-se de visitantes que iam da Santa's Village à Story Land e ao Redmond's Trading Post. Porém, em março, aquele *T. rex* estúpido rugia para um parque temático deserto. As únicas pessoas que lá ficavam na época baixa eram o meu pai, que cuidava dos seus lobos, e Walter, um tratador que substituía o meu pai quando ele lá não estava. Parecia uma cidade-fantasma, por isso comecei a deambular junto aos cercados depois de sair da escola — suficientemente perto para *Bedagi*, o lobo controlador, andar de um lado para o outro no interior da vedação, habituando-se ao meu cheiro. Via o meu pai abrir uma cova para *Mestawe* dar à luz na sua toca e, enquanto isso, contava-lhe sobre o capitão de futebol que tinha sido apanhado a copiar, ou a rapariga que tocava oboé na orquestra da escola e que começara a usar cafetãs, correndo o boato de que estava grávida.

Em troca, o meu pai dizia-me por que razão estava preocupado com *Mestawe* : ela era uma jovem fêmea, e o instinto só funcionava até certo ponto. Não tinha tido um modelo que pudesse ensiná-la a ser boa mãe e nunca tivera uma ninhada. Às vezes, uma loba abandona as crias simplesmente porque não sabe o que fazer.

Na noite em que *Mestawe* deu à luz, parecia estar a fazer tudo de acordo com as regras. O meu pai comemorou abrindo uma garrafa de champanhe e deixando-me beber um copo. Eu queria ver os bebés, mas ele disse que só apareceriam passadas semanas. Até mesmo *Mestawe* permaneceria na toca durante uma semana inteira, alimentando as crias de duas em duas horas.

Mas apenas duas noites mais tarde, o meu pai despertou-me com um safanão.

— Cara, preciso da tua ajuda.

Enfiei à pressa o casaco de inverno e as botas e segui-o até ao cercado onde *Mestawe* estava na toca. Só que não estava. Andava a vaguear, o mais longe possível das suas crias.

— Tentei tudo para fazê-la voltar lá para dentro, mas ela não foi — disse o meu pai em tom neutro. — Se não salvarmos as crias agora, não teremos uma segunda oportunidade.

Desapareceu na toca e saiu de lá segurando dois ratos minúsculos e engelhados. Pelo menos, era o que pareciam, de olhos fechados, a contorcer-se na mão dele. Passou-mos para as mãos; eu enfiei-os dentro do meu casaco enquanto ele tirava as últimas duas crias. Havia uma que parecia estar pior do que as outras três. Não se mexia; em vez de rabujar, soltava uns pequenos sopros de vez em quando.

Segui o meu pai até um barracão que ficava atrás da caravana. Enquanto eu dormia, ele tinha atirado as ferramentas todas para cima da neve; agora, o chão lá dentro estava coberto de feno. No interior de uma pequena caixa de cartão,

estava um cobertor macio aos quadrados vermelhos que eu conhecia da caravana.

— Põe-nos lá dentro! — ordenou o meu pai, e eu assim fiz.

Um saco de água quente debaixo do cobertor tornava-o tépido como uma barriga; três das crias começaram imediatamente a farejar por entre as pregas. A quarta cria estava fria ao toque. Em vez de pô-la ao lado dos irmãos, voltei a enfiá-la no meu casaco, junto ao coração.

Quando o meu pai voltou, trazia biberões cheios de *Esbi-lac*, que é como leite para bebé, mas para animais. Estendeu a mão em direção à pequena loba que eu tinha nos braços, mas não consegui separar-me dela.

— Eu alimento os outros — disse ele, e enquanto eu persuadia a minha a beber uma gota de cada vez, os três que ficaram a seu cargo beberam o biberão até ao fim.

Alimentávamos as crias de duas em duas horas. Na manhã seguinte, não me vesti para ir para a escola e o meu pai não agiu como se estivesse à espera de que eu o fizesse. Era uma verdade implícita: o que estávamos a fazer ali era muito mais importante do que qualquer outra coisa que eu pudesse aprender numa sala de aulas.

Batizámo-las ao terceiro dia. O meu pai achava que criaturas indígenas deviam ter nomes indígenas, por isso os nomes de todos os seus lobos provinham da língua dos abenaquis. *Nodab*, que significa «Ouçam-me», foi o nome que demos à maior de todas, uma bola de energia preta e barulhenta. *Kina*, ou «Olhem para mim», era a cria desordeira, que se emaranhava em atacadores ou ficava presa debaixo das abas da caixa de cartão. E *Kita*, ou «Escutem», ficava para trás a observar-nos, sem perder pitada.

À sua irmãzinha dei o nome de *Miguen*, «Pena». Havia alturas em que bebia tão bem como os irmãos e eu acreditava que

ela tinha passado a fase crítica, mas depois sentia o seu corpo ficar flácido na minha mão e tinha novamente de esfregá-la e pô-la dentro da camisa para a manter quente.

Estava tão cansada de ficar levantada dia e noite que já nem via bem. Às vezes, dormia de pé, passando uns minutos pelas brasas antes de voltar a acordar em sobressalto. Andava o tempo todo com *Miguen*, de tal forma que os meus braços pareciam vazios quando não a tinha neles. Na quarta noite, quando abri os olhos depois de dormir, o meu pai estava a olhar para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto no seu rosto.

— Quando nasceste, também não te largava — disse.

Duas horas depois, *Miguen* começou a tremer sem parar. Supliquei ao meu pai que se metesse no carro e fosse a um veterinário, ao hospital, a alguém que pudesse ajudar. Chorei tanto que ele enfiou as outras crias numa caixa e levou-as para a velha carrinha. A caixa estava pousada entre nós no banco da frente e *Miguen* tiritava por baixo do meu casaco. Eu também estava a tremer, embora não soubesse bem se estava com frio ou apenas receosa daquilo que se avizinhava. Quando chegámos ao parque de estacionamento da clínica veterinária já ela tinha morrido. Eu soube assim que aconteceu; tornou-se mais leve nos meus braços. Como um casulo.

Comecei a gritar. Não suportava pensar em *Miguen*, morta, tão perto de mim.

O meu pai levou-a dali e embrulhou-a na sua camisa de flanela. Fez desaparecer o corpo no banco de trás da carrinha, onde eu não teria de vê-la.

— Na natureza, não teria durado um dia — disse ele. — Tu foste a única razão para ela ter ficado tanto tempo entre nós.

Se era para me fazer sentir melhor, não fez. Irrompi em soluços convulsivos.

De repente, a caixa com as crias de lobo estava no tabliê e eu estava nos braços do meu pai. Ele cheirava a hortelã-verde e a neve. Pela primeira vez na vida, compreendi por que razão ele não se conseguia libertar da droga que era a comunidade dos lobos. Em comparação com problemas como este, de vida e morte, que importância tinha não terem ido buscar a roupa à lavandaria ou ele ter-se esquecido da data em que a escola abria as portas à noite para os pais?

O meu pai contou-me que, na natureza, uma mãe loba aprende as suas lições da forma mais difícil. Mas em cativeiro, onde os lobos apenas se reproduzem uma vez a cada três ou quatro anos, as regras são diferentes. Não se pode ficar de braços cruzados e deixar morrer uma cria.

— A natureza sabe o que quer — disse o meu pai. — Mas isso não torna as coisas mais fáceis para nós, pois não?

Há uma árvore junto à caravana do meu pai no Redmond's, um ácer-vermelho. Plantámo-la no verão a seguir à morte de *Miguen*, para marcar o local onde está enterrada. É o mesmo tipo de árvore que, quatro anos mais tarde, vejo agigantar-se rapidamente em direção ao para-brisas. O mesmo tipo de árvore em que a nossa carrinha embate de frente, naquele instante.

Está uma mulher ajoelhada ao meu lado.

— Está acordada — diz ela.

Tenho os olhos molhados da chuva, cheira-me a fumo e não consigo ver o meu pai.

Pai?, digo, mas só consigo ouvir a palavra na minha cabeça.

Sinto o coração a bater no lugar errado. Baixo os olhos para o ombro, onde consigo senti-lo.

— Parece ter uma fratura da omoplata e talvez tenha umas quantas costelas partidas. Cara. Chama-se Cara?

Como é que ela sabe o meu nome?

— Teve um acidente — diz-me a mulher. — Vamos levá-la para o hospital.

— O meu... pai... — pronuncio a custo. Cada palavra é como uma faca no meu braço.

Viro a cabeça para tentar encontrá-lo e vejo o bombeiro a usar a mangueira para tentar extinguir a bola de chamas em que a carrinha se transformara. A chuva no meu rosto não é chuva, apenas gotículas do jato de água.

De repente, lembro-me: a teia formada pelo para-brisas partido; a traseira da carrinha a resvalar; o cheiro a gasolina. Não ter obtido resposta quando gritei pelo meu pai. Começo a tremer dos pés à cabeça.

— É incrivelmente corajosa — diz-me a mulher. — Arrastar o seu pai para fora do carro no estado em que está...

Uma vez, vi uma entrevista em que uma adolescente tinha levantado um frigorífico de cima do seu primo pequeno quando este caiu acidentalmente sobre ele. Tinha qualquer coisa que ver com a adrenalina.

Um bombeiro que me estava a tapar a vista move-se e consigo ver outro grupo de técnicos de emergência reunidos à volta do meu pai, que está deitado imóvel no chão.

— Se não fosse a Cara — acrescenta a mulher —, o seu pai podia não estar vivo.

Mais tarde, hei de perguntar a mim mesma se aquele comentário será a razão para ter feito tudo o que fiz. Mas, agora, começo apenas a chorar. Porque sei que as palavras dela não podiam estar mais longe da verdade.

LUKE

Estão sempre a perguntar-me: como foi capaz de fazer isso? Como foi capaz de se afastar da civilização e da família e ir viver nas florestas do Canadá com uma alcateia de lobos selvagens? Como foi capaz de abdicar dos duches quentes, do café, do contacto humano, da conversa, de dois anos da vida dos seus filhos?

Bem, não sentimos a falta dos duches quentes quando a única coisa que o sabonete faz é tornar mais difícil ao nosso bando reconhecer-nos pelo cheiro.

Não sentimos a falta do café quando os nossos sentidos estão em alerta total o tempo todo, mesmo sem ele.

Não sentimos a falta do contacto humano quando estamos aconchegados entre o calor de dois dos nossos irmãos lobos. Não sentimos a falta das conversas quando aprendemos a sua linguagem.

Não nos afastamos da família; encontramos-nos firmemente integrados no seio de uma nova.

Por isso, como veem, a verdadeira questão não é como pude abandonar este mundo para ir para a floresta, mas sim como me obriguei a regressar.